

A AUTOTRADUÇÃO COMO MÉTODO DE REFLEXÃO EM FLUSSER¹



CLÁUDIA SANTANA MARTINS

Resumo: A ideia de que a tradução seja uma forma privilegiada de leitura e crítica e, como tal, possa contribuir para a própria escrita e para a literatura não é nova: remonta ao início da história da tradução literária ocidental. Ao longo dessa história, diversos escritores utilizaram a autotradução como uma ferramenta de escrita. O filósofo tcheco-alemão-judeu-brasileiro Vilém Flusser desenvolveu um método de reflexão e escrita que consistia em autotraduzir e retraduzir sistematicamente seus ensaios recorrendo a quatro línguas: alemão, português, inglês e francês. O presente artigo analisa essa prática de autotradução e retradução, que possibilitava a Flusser ganhar um distanciamento crítico e uma abertura de novas perspectivas para o tema a ser tratado. Essa prática dialógica, semelhante à epoché de Husserl e ao pilpul dos talmudistas, introduz, nas palavras de Bento Prado, “a pluralidade e a diferença na unidade e na identidade do próprio sujeito”.

Palavras-chave: Vilém Flusser, autotradução, filosofia da tradução, tradução, dialogismo

Abstract: The idea that translation is a privileged form of reading and critique and, as such, may contribute to the actual writing and literature is not new: it goes back to the early history of Western literary translation. Throughout this history, several writers have used self-translation as a writing tool. The Czech-German-Jewish-Brazilian philosopher Vilém Flusser developed a method of thinking and writing whereby he self-translated and retranslated his essays systematically by resorting to four languages (German, Portuguese, English and French). This paper examines the practice of self-translation and retranslation that enabled Flusser to gain a critical distance and new perspectives on the subject at hand. This dialogic practice, similar to Husserl's epoché and to the talmudic pilpul, introduces, in the words of Benedito Prado, "plurality and difference into the unity and identity of the [writing] subject."

Keywords: Vilém Flusser, self-translation, philosophy of translation, translation, dialogism

¹ Este artigo foi publicado no livro *A Festa da Língua: Vilém Flusser*, organizado por Murilo Jardelino da Costa, e recentemente publicado pela Fundação Memorial da América Latina (2011). Trata-se, além disso, de uma síntese de tópicos desenvolvidos em minha dissertação de mestrado, “Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica”, elaborada na FFLCH-USP, sob a orientação da Profa. Dra. Lenita Maria Rimoli Esteves, com o apoio financeiro da CAPES e da FAPESP.

A ideia de que a tradução seja uma forma privilegiada de leitura e crítica e, como tal, possa contribuir para a própria escrita e para a literatura não é nova. Encontram-se exemplos dessa contribuição já no início da história da tradução literária ocidental. Quando tradutores romanos, como Cícero e Horácio, mais de dois mil anos atrás, traduziam textos gregos, não o faziam porque isso fosse necessário por razões meramente de compreensão. Afinal, a sociedade romana era, de modo geral, bilíngue. As traduções latinas revelam o interesse pela literatura e pelos conhecimentos de outros povos, a preocupação com o enriquecimento da língua e o desejo de produzir a sua própria literatura. Com efeito, a tradução teve um papel relevante na construção da literatura romana, calcada sobre modelos gregos. Susan Bassnett (1998, p. 45) observa que o leitor romano podia considerar a tradução como um metatexto do original. O texto traduzido era lido à luz do texto fonte. O tradutor romano, por sua vez, podia conceber a tarefa da tradução como exercício de estilística comparada, estando livre das exigências de transmitir a forma ou o conteúdo em si. Em consequência, não precisava se subordinar à estrutura do original. A habilidade do tradutor era, portanto, avaliada em função da utilização criativa que era feita do modelo.

Em plena Idade Média, os trovadores, que viajavam de cidade em cidade e conheciam diversas línguas, desafiam nossa visão daquela época como a de uma sociedade de núcleos incomunicáveis separados por muralhas. O exemplo mais ilustre é Raimbaut de Vaqueiras, autor de um *descort* multilingüe em provençal, italiano, francês, gascão e galego. No final da Idade Média e no Renascimento, muitos poetas europeus eram poliglotas e se autotraduziam. Citando Leonard Forster², Antoine Berman (2002, p. 13) comenta o caso do poeta holandês P. C. Hooft, que, por ocasião da morte da mulher amada, compôs uma série de epitáfios primeiro em holandês, depois em latim e francês, novamente em latim, depois em italiano e, por fim, novamente em holandês, “como se tivesse tido a necessidade de passar por toda uma série de línguas e de autotraduções para chegar à justa expressão de sua dor em sua língua materna”.

Com o fortalecimento dos ideais nacionalistas e a consequente valorização das línguas nacionais, a prática da autotradução foi se tornando cada vez mais rara. Atualmente, a maioria dos poucos casos existentes é formada por escritores que vivem em países em que se fala mais de uma língua (é o caso de muitos escritores belgas, catalães, indianos, canadenses e escoceses) ou que emigraram para outros países, como Cabrera Infante, Elsa Triolet e Vladimir Nabokov. Mais do que se expressar em dois sistemas linguísticos diferentes, esses escritores precisam lidar com duas culturas e tradições diferentes.

O último caso mencionado é, em parte, o de Flusser. Dizemos “em parte” porque Flusser recorria à autotradução em quatro línguas, quando, obviamente, vivia sempre em apenas um país. Na Inglaterra, por exemplo, ele morou durante apenas um ano, e não teria necessidade, posteriormente, de continuar traduzindo para o inglês se não existissem outras razões que o motivassem além do exílio. A ampliação das possibilidades de publicação era, sem dúvida, outra boa razão para Flusser escrever em várias línguas, mas os textos de Flusser a

² FORSTER, Leonard. *The Poet's Tongues, Multilingualism in Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

respeito de sua prática de autotradução e retradução deixam claro que esta prática era, acima de tudo, um método de escrita e reflexão.

Outros autotradutores como Samuel Beckett, Raymond Federman e James Joyce, utilizaram (ou utilizam, no caso de Federman) a autotradução como uma ferramenta de escrita. Beckett dizia recorrer à autotradução “porque é mais fácil escrever sem estilo em francês”³. Federman (1996), autotradutor de seus livros do francês para o inglês e vice-versa, acredita que a autotradução, embora implique perdas, pode também tornar o texto mais rico, não apenas em termos semânticos, mas também em musicalidade, ritmo, densidade metafórica e até mesmo complexidade sintática. Joyce contou com a colaboração de Nino Frank e Ettore Settanni para traduzir para o italiano dois trechos do *Work in progress* (que viria a se tornar o célebre *Finnegans wake*), mas, segundo o próprio Settanni, o principal mérito do trabalho é de Joyce (RISSET, 1973, p. 43). Jacqueline Risset (1973, p. 49) afirma que a tradução de Joyce foi uma recriação do original em língua italiana e que, ao contrário das traduções *sensu stricto*, não consistiu em “uma busca de equivalentes hipotéticos do texto original [...], e sim em uma elaboração posterior que representa [...] uma espécie de prolongamento, uma nova etapa, uma variação mais ousada da matéria verbal em proselamento”⁴.

Esse fenômeno tem sido observado na maioria dos estudos referentes à prática da autotradução: quando o próprio escritor é o tradutor, ele se permite desvios do texto original que outros tradutores dificilmente se permitiriam, e que a “tradição” não consideraria adequados.

No prefácio a *Bodenlos*, a autobiografia filosófica de Flusser, Gustavo Bernardo Krause (2007a, p. 11) comenta que Flusser não se comportava “como um tradutor ‘normal’, preocupado em respeitar o original. O filósofo tcheco-brasileiro deliberadamente deixava a língua-destino alterar seu pensamento na língua-fonte, na mesma medida em que se alteravam a semântica e a sintaxe”.

Se, por um lado, essa característica das autotraduções confirma a “autoridade” atribuída ao autor, por outro lado a autotradução questiona, por sua própria natureza, a autoridade conferida ao original em detrimento da tradução. Na maioria dos casos de autotradução, a precedência do original não é mais uma questão de *status*, e sim apenas uma precedência temporal.

Isso é bastante claro nas autotraduções de Flusser. Em consequência, talvez não devamos falar em termos de “original” e “tradução”, e sim em “variantes” ou “versões” de *status* igual. Algumas das obras de Flusser que são consideradas traduções poderiam, na verdade, ser consideradas reedições atualizadas e modificadas. Isso acontece com a “tradução” brasileira do livro mais célebre de Flusser, *Für eine Philosophie der Fotografie*, intitulada *Filosofia da caixa preta*, que apresenta um prefácio inteiramente novo, um glossário inexistente na versão original e partes inteiras reescritas, segundo Arlindo Machado (2000, p. 133), “para dar maior precisão e consistência à argumentação”. Na opinião de

3 "parce qu'en français, c'est plus facile d'écrire sans style" (apud FLETCHER, 1976, p. 209). Todas as traduções de citações são da autora do artigo.

4 “une recherche d'hypothétiques équivalents du texte ‘original’ [...], mais en une élaboration ultérieure qui représente [...] une sorte de prolongement, une étape nouvelle, une différenciation plus poussée de la matière verbale en activité”.

Machado, a versão brasileira é a que deveria ser tomada como o texto definitivo desse livro e ser utilizada como base para a tradução em outras línguas.

Poderíamos encarar a autotradução como um dos limites da tradução. Ao incorporar elementos de versões anteriores de seu próprio texto, Flusser desvela a precariedade do original, o seu estado de incompletude, de não acabamento, nos termos de Derrida (2002, p. 11-12). A tradução se mostra, como veremos a seguir, como parte do processo de criação do original.

Método de Autotradução e Retradução

Flusser desenvolveu uma prática de autotradução e retradução que consistia em traduzir sistematicamente seus ensaios recorrendo a quatro das línguas que dominava: alemão, português, inglês e francês. Essa prática o ajudava a ganhar um distanciamento crítico e uma abertura de novas perspectivas para o tema dado.

Flusser expõe detalhadamente seu método em um texto, “Retradução enquanto método de trabalho”, que não foi incluído em nenhum livro publicado. Nesse texto, ele explica como a prática de autotradução e retradução permitia que o mesmo tema fosse analisado e expresso sob diversos ângulos linguísticos, e que diversos ângulos de um mesmo objeto fossem agregados por meio da pluralidade oferecida pelas diferentes línguas.

O professor suíço Rainer Guldin estudou em detalhe o método de autotradução e retradução de Flusser em seu livro *Philosophieren zwischen den Sprachen* (lançado em versão resumida no Brasil pela Editora Annablume, na tradução de Murilo Jardelino da Costa e Clélia Barqueta, com o título *Pensar entre línguas – A teoria da tradução de Vilém Flusser*) e no artigo “Traduzir-se e retraduzir-se: a prática da escrita de Vilém Flusser” (2002), em que define muito bem o processo de escrita de Flusser:

Vilém Flusser usou essa técnica como uma estrutura básica de sua prática multilíngue, transformando a impossibilidade da tradução, isto é, a intraduzibilidade fundamental das línguas, na verdadeira pré-condição da sua própria escrita. [...] As discrepâncias entre as diferentes línguas são transformadas em um momento criativo, e o abismo que se deve atravessar durante a tradução assume um papel completamente novo: torna-se um local de encontro, iniciatório e inspirador, com as potencialidades residentes além das fronteiras da língua.

O método de Flusser apresenta implicações ainda mais profundas e radicais. Nas palavras de Rainer Guldin (2002):

Esta opção específica altera o próprio conceito de tradução e reconfigura seu objetivo, borrrando a fronteira entre tradução, paráfrase e reescrita. A teoria da tradução tenta separar tão claro quanto possível as três instâncias diferentes, sabendo bem que se trata de tarefa praticamente impossível, desde que toda forma de tradução implica um ato de interpretação.

A suposta primazia do original sobre a tradução — tema muito importante nas discussões atuais entre as diversas teorias tradutológicas — é colocada em questão por esse método já de início, pois, no caso da retradução, a língua-

objeto torna-se a língua-meta (por exemplo, um texto escrito em francês traduzido para o inglês pode ser traduzido de volta para o francês).

Essa experiência limite de “tradutor de si mesmo”, nas palavras de Bento Prado Jr. (1999), “introduz a pluralidade e a diferença na unidade e na identidade do próprio sujeito”. Guldin (2002) vê nesse método uma descentradação da posição do autor, que é obrigado a “constantemente redefinir seu critério de fidelidade ao pensamento original”. Como veremos a seguir, esta é também uma experiência de internalização do diálogo: é como se Flusser estabelecesse um diálogo com o “Outro” dentro de si mesmo.

Flusser explica novamente o seu método de autotradução e retradução em outro ensaio, “The gesture of writing” (em francês, “Le geste d’écrire”), que havia sido publicado apenas parcialmente em seu livro *Gesten*, exatamente sem as passagens em que ele se refere ao método, e foi recentemente publicado na íntegra pela revista eletrônica *Flusser Studies* (2009) em duas versões (inglês e francês). O ensaio começa com uma fenomenologia do gesto da escrita, definido por Flusser como uma “diacronização da sincronicidade da árvore do pensamento”⁵. A escrita força a linearização; obriga-nos a dirigir o pensamento de modo a eliminar o crescimento incontrolado de novas ramificações. Ao final do ensaio, Flusser descreve como, pela autotradução, seu pensamento assume não apenas uma forma diferente, mas também novas direções. Para exemplificar, ele supõe um texto originalmente escrito em alemão e traduzido em seguida para o português. À medida que ele tenta reformular o texto na língua portuguesa, descobre que não só o seu pensamento muda como recebe o influxo de associações radicalmente diferentes. Embora ainda seja, em certo sentido, o mesmo pensamento, agora ele se refere a uma situação inscrita em um universo totalmente diferente do primeiro. Para traduzir, Flusser descobre que não é suficiente recorrer ao texto inicial em alemão, mas que é também necessário retornar àquilo que inicialmente inspirou a redação do texto. Nesse processo, o texto é reformulado, mas de um modo que incorpora os passos anteriores. Como um palimpsesto, o texto em português conterá, de alguma forma, o texto alemão e as associações alemãs eliminadas de dentro dele pela necessidade de adequação à outra língua. Supondo que o processo de autotradução continue e Flusser traduza o texto do português para o inglês, e do inglês para o francês e, por fim, o retraduza para o alemão, a nova retradução para o alemão “diferirá radicalmente do primeiro texto”⁶, porque “no segundo texto todas as outras línguas à minha disposição estão, de alguma forma, presentes e, assim, conferem a ele uma profundidade inexistente no texto original”⁷ (FLUSSER, 2009, p. 11-12).

Esse processo pode continuar *ad infinitum*, tendo como limites mais prováveis a paciência do autor-tradutor e eventuais prazos para a publicação do texto.

Além da imagem do palimpsesto, Rainer Guldin (2002) sugere a da *matrioshka* como metáfora para o método de Flusser. Como as bonequinhas russas, cada tradução guardaria em seu interior uma outra — com a peculiaridade de que cada boneca teria uma aparência diferente.

5 “a diachronisation of the synchronicity of the tree thought”. Na versão francesa do texto: “essayer de diachroniser la synchronicité de l’arbre de la pensée”.

6 “my second German text will differ radically from the first one”

7 “in the second text all the other languages at my disposal are somehow present, and thus confer it a depth which is lacking in the first text.”

Pilpul

Citando um artigo de Flusser publicado no livro *Jude Sein*⁸, Guldin (2002) associa a prática tradutória de Flusser ao *pilpul*, método de estudo rabínico do Talmude que combina a linearidade com a circularidade:

[...] “no meio da página há uma palavra, ou umas poucas palavras, e em volta deste núcleo são desenhados alguns círculos textuais concêntricos. [...] Os círculos não somente comentam sobre o núcleo, como ainda comentam um ao outro”⁹. Eles se vão formando vagarosamente à volta do centro, como anéis à volta de um tronco de árvore, e são escritos não apenas por autores diferentes mas também, muitas vezes, em diferentes línguas, principalmente em hebraico e aramaico. O pensamento original, o *Ein-fall* como Flusser o chama em alemão, isto é, “aquilo que cai” ou “a ideia que surge”, expande-se a partir do epicentro – como as ondas provocadas por uma pedra jogada em um tanque. Estes diversos comentários constroem um campo de pontos de vista circulares que atraem e repelem um ao outro. O objeto no meio, envolvido por um “inesgotável (*unerschöpflich*) exame de perspectivas distintas”¹⁰, pode ser verdadeiramente compreendido somente quando todas as perspectivas tiverem sido esgotadas. Ou seja: nunca. Logo, a verdade é um limite que nos esforçamos para atingir mas que talvez não possamos alcançar. A palavra sagrada, no centro da página do Talmude, demanda sempre novos esforços de interpretação e, ao mesmo tempo, recusa revelar sua essência plena.

O *pilpul* é uma técnica de pensamento que consiste em desenvolver um argumento de maneira sofística *ad absurdum*. Os próprios argumentos, apesar de funcionarem como lances de um jogo, tendem, no limite, ao indizível. A filosofia ocidental, seguindo o modelo grego, tenta resolver a contradição implícita na reflexão sobre o indizível por meio da explicação (linear) da própria contradição. O *pilpul*, segundo Flusser, declara a contradição insolúvel, como um símbolo da limitação do pensamento humano. Trata-se de um jogo consciente, desde o início, de seu fracasso.

Sendo um método de pensamento que “burla” o processo discursivo linear, o *pilpul* se revela surpreendentemente pós-histórico. A dança infinita dos talmudistas em torno do núcleo significante se assemelha, em estrutura, ao método fenomenológico de Husserl, em seu constante movimento de aproximação e afastamento do objeto (GULDIN, 2005, p. 246). Da mesma forma, o movimento de tradução e retradução de Flusser envolve uma dança em torno do objeto que, de certo modo, cria o próprio objeto; um salto de ponto de vista em ponto de vista e a contraposição de pontos de vista diferentes visando a alcançar uma síntese que, desde o início, se sabe impossível.

Epoché

A redução fenomenológica não visa apenas ao conhecimento do objeto, mas também a despertar uma consciência crítica em relação ao próprio olhar.

⁸ FLUSSER, Vilém. “Pilpul” (2). In: *Jude Sein: Essays, Briefe, Fiktionen*. Mannheim: Bollmann, 1995, pp. 143-153.

⁹ Ibidem, p. 144.

¹⁰ Ibidem, p. 150.

Ao isolarmos o objeto, voltamo-nos contra nossos próprios hábitos de pensamento. Esse “colocar entre parênteses” não significa, todavia, que todos os preconceitos são eliminados, mas que são colocados “em suspensão”, para depois voltarem a ser considerados. Como ressalta Guldin (2005, p. 174-175), o processo de tradução é também uma suspensão fenomenológica:

Quando traduzo uma frase de uma língua para outra, eu a coloco entre aspas, ou seja, eu a uso em sentido metafórico, não literal. Dessa forma, consigo distanciar-me dela e da língua em que ela é expressa. A tradução revela o verdadeiro sentido da frase ao cobri-lo com um novo manto linguístico.¹¹

Nas palavras de Flusser (1976, p. 505), “a teoria da tradução é Epistemologia”. Podemos, portanto, utilizar o processo de tradução para a análise de sistemas filosóficos, desvendando sua dependência, muitas vezes inconsciente, de esquemas linguísticos. Flusser desconfia dos modos de argumentação exclusivamente lineares e não autocriticos, atribuindo à escrita uma capacidade de autorreflexão e ampliação. Guldin (2005, p. 179-180) observa que, por meio da tradução, é possível produzir um estranhamento do objeto, e que o gesto de colocar o objeto entre parênteses, em suspensão, constitui, por sua vez, um processo de tradução.

Flusser procura, no entanto, ir além da fenomenologia, e o existencialismo é um dos meios utilizados para isso. Ainda segundo Guldin (2005, p. 166), se a distância do fenomenólogo é, do ponto de vista epistemológico, legítima e correta para Flusser, do ponto de vista existencialista ela se revela inadequada, na medida em que todo filosofar significa, em última instância, estabelecer um diálogo consigo mesmo e com o outro.

Dialogismo

Flusser foi profundamente influenciado, desde a juventude, por Martin Buber, o filósofo judeu de origem austríaca que se destacou por suas ideias a respeito da intersubjetividade e do diálogo. Em seu livro *Ich und Du* (*Eu e tu*), Buber (1979) introduz o conceito de palavras-princípio, “Eu-Tu” (relação) e “Eu-Isso” (experiência), que constituiriam as duas dimensões da filosofia do diálogo. Haveria, em consequência, duas formas pelas quais o “eu” poderia se realizar: por meio da relação com o “isso” (ou “a coisa”) e por meio da relação com o “tu”. Segundo Andreas Ströhl (2002b, xv), Flusser “seculariza” as ideias de Buber ao insistir na exclusividade da criação do “eu” por meio do diálogo: para Flusser, o reconhecimento do outro como um “tu” é fundamento e resultado do diálogo. Ainda segundo Ströhl, outra diferença importante entre Buber e Flusser é o que Buber interpreta o diálogo entre os seres humanos como apenas metafórico. Para Buber, o verdadeiro significado só é obtido por meio do diálogo com Deus. Flusser (2003, p. 94) inverte, de certo modo, essa fórmula ao dizer, citando Angelus Silesius, que “até mesmo Deus existe apenas quando eu lhe digo

11 “Wenn ich einen Satz von einer Sprache in eine andere übertrage, setze ich ihn in Anführungszeichen, d.h., ich verwende ihn in metaphorischem, nicht wörtlichem Sinne. Dadurch gelingt es mir, von ihm und der Sprache, in der er ausgedrückt ist, Abstand zu nehmen. Die Übersetzung enthüllt den wahren Sinn des Satzes, indem sie ihn in einen neuen Sprachmantel hüllt.”

‘tu’”¹². Flusser emprega o conceito “Deus” como uma metáfora para o sagrado que existe dentro de todo ser humano em diálogo com outro. Na visão de Flusser, a tradição judaico-cristã não é teologia, mas busca de relações intersubjetivas.

Em *The Translator’s Turn*, Douglas Robinson (1991) se refere à tradução dialógica de Martin Buber, criticando-a por considerar seu dualismo rígido demais: não há relação de reciprocidade, não há “Eu-Tu” entre o “Eu-Isso” e o “Eu-Tu”. O dialogismo de Buber apontava para uma ideia de tradução que seria potencialmente fértil, mas a relação “Eu-Tu” seria tão frágil que a menor interferência do “Isso” a poderia destruir (ROBINSON, 1991, p. 100). Esse problema apontado por Robinson inexiste na concepção de Flusser, já que este baseia a própria concepção do “eu” no diálogo. Flusser (1966, p. 170) sintetiza a questão de modo incisivo: “Eu sou eu enquanto converso. Eu sou, portanto, sempre em função de outros”.

Obviamente, a conversação pode ser interna:

Neste caso, os outros serão como que todos presentes. Serei como que uma múltipla personalidade. Mas não há contradição nesse aparente paradoxo. Eu não sou um algo, mas um como. Eu sou como frases ocorrem. O eu, quando se encontra a si mesmo, encontra-se em situação que sempre inclui outros. Quando Ortega diz que eu sou eu e minha circunstância, pretende, no fundo, dizer que eu sou eu e os outros. Com efeito, eu sou um aspecto centralizador dos outros. É como se os outros existissem em função de mim, e eu existisse em função dos outros. (FLUSSER, 1966, p.170).

É esse processo de conversação interna enquanto tradução que constitui o fundamento do método de Flusser de retradução e autotradução.

Robinson (1991, p. 100-103) vê no *dialogismo interno* ou *heteroglossia* de Mikhail Bakhtin uma ponte a ligar os extremos do dualismo de Buber, a desfazer o abismo entre o “eu” e o “outro”, “sujeito” e “objeto”. Para Bakhtin, a língua está saturada de ideologia e das vozes de todos os que a falam. Em consequência, “o Eu-Tu, que Buber idealiza como uma relação quase impossível, está já desde sempre embutido na língua”¹³ (ROBINSON, 1991, p. 103).

A heteroglossia de Bakhtin, segundo Robinson (1991, p. 106), seria uma Babel internalizada, e o tradutor seria alguém “polifonizado somaticamente”¹⁴ e depois treinado “na arte do demônio de Maxwell, ordenando as moléculas misturadas, quentes e frias, em dois vasos”¹⁵, ou seja, alguém capaz não só de sentir a riqueza da heteroglossia, mas também de ordenar as palavras e frases misturadas em línguas distintas.

Em “O Discurso no Romance”, Bakhtin (1990, p. 204) utiliza a metáfora do espelho para se referir à relação entre as línguas:

12 “Even God exists only when I say ‘you’ to him”.

13 “[...] the I-You, which Buber idealizes as an almost impossible, mystically life-giving relation, is always already built into language”.

14 “Somatically polyphonized”.

15 “in the art of Maxwell’s Demon, sorting mixed molecules into two jars, hot and cold.” É curioso que Robinson tenha utilizado uma das imagens recorrentes em Flusser, a do demônio de Maxwell combatendo a entropia, para se referir à tradução.

As linguagens do plurilinguismo, como espelhos que apontam um para o outro, cada um dos quais refletindo a seu modo um pequeno pedaço, um cantinho do mundo, forçam a adivinhar e captar atrás dos seus aspectos mutuamente refletidos um mundo mais amplo, com muito mais planos e perspectivas do que seria possível a uma única linguagem, um único espelho.

Essa compreensão dialógica da heteroglossia linguística se aproxima bastante da concepção tradutológica de Flusser expressa em seu método de autotradução e retradução¹⁶. É verdade que a heteroglossia de Bakhtin é mais ampla, estendendo-se aos dialetos, socioletos e mesmo aos idioletos, enquanto Flusser trata apenas das diversas línguas nacionais. Mas, enquanto análise do processo de tradução, as duas concepções são semelhantes.

Também a análise de Bakhtin das componentes centrípetas e centrífugas da língua encontra paralelo no método de Flusser. Bakhtin (1990, p. 82) observa que “ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação”. No método de Flusser, podemos também identificar um duplo movimento: o centrípeto seria a dimensão crítica, de reflexão, propiciada pela tradução, e o centrífugo seria a possibilidade de acréscimo de novos aspectos e perspectivas ao pensamento.

Considerações Finais

Vivendo e pensando entre línguas e culturas, Flusser adquiriu uma aguda consciência da relação existente entre tradução e pensamento. O seu método de escrita baseado na autotradução e retradução internaliza o aspecto dialógico da tradução a fim de obter novas perspectivas sobre o assunto a ser desenvolvido na escrita. Trata-se, para Flusser, de “dar sentido” (*Sinngebung*) ao mundo — um problema não apenas epistemológico, mas existencial. Ou, como diz o próprio Flusser, em “Retradução enquanto método de trabalho” (s.d., p. 1-2):

Amo tal jogo de palavras, porque permite à coisa revelar várias das suas faces. E odeio tal jogo porque fascina a ponto de encobrir a coisa. [...] Quanto mais dificilmente traduzível determinado assunto, tanto mais me desafia. Porque vai provocar a tensão dialética entre as diversas línguas que me informam, e vai obrigar-me a procurar sintetizar as contradições entre elas. De modo que dar a palavra às coisas é empresa não tanto epistemológica quanto existencial: o que procuro conhecer não é tanto as coisas quanto meu próprio estar no mundo.

Cláudia Santana Martins
clam@uol.com.br
Universidade de São Paulo

16 Cf. a análise de Guldin (2005, pp. 146-161) sobre o uso do espelho como metáfora em Bakhtin e em Flusser.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP-Hucitec, 1990.
- BASSNETT, Susan. *Translation studies*. Revised edition. London and New York: Routledge, 1998.
- BERMAN, Antoine. A prova do estrangeiro. Tradução de Maria Emilia Ferreira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- FEDERMAN, Raymond. A voice within a voice: Federman translating/translating Federman. 1996. Disponível em: <<http://www.federman.com/rfsr2.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2009.
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da linguagem. In *ITA-Humanidades*, n. 2, pp. 133-210, 1966.
- _____. Em Busca de Significado. In: LADUSĀNS, Stanislavs. *Rumos da filosofia atual no Brasil em autorretratos*. São Paulo: Loyola, 1976, pp. 493-506.
- _____. Retradução enquanto Método de Trabalho. S.d. Disponível em: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a202.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2009.
- _____. *The Freedom of the Migrant: Objections to Nationalism*. Edited by Anke Finger. Translated by Kenneth Kronenberg. Champaign: University of Illinois Press, 2003.
- _____. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- _____. Le geste d'écrire. In: *Flusser Studies*, n. 8, May 2009. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/pag/08/le-geste-d-ecrire.pdf>>. Acesso em 11 jun. 2009.
- _____. The gesture of writing. In: *Flusser Studies*, n. 8, May 2009. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/pag/08/the-gesture-of-writing.pdf>>. Acesso em 11 jun. 2009.
- FOUCAULT. *História da sexualidade II - O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- GULDIN, Rainer. Traduzir-se e retraduzir-se: a prática da escrita de Vilém Flusser. Tradução de Gustavo Bernardo e Gisele de Carvalho, 2002. Disponível em <<http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/convidado01.htm>>.
- _____. *Philosophieren zwischen den Sprachen: Vilém Flussers Werk*. München: Wilhelm Fink Verlag, 2005.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo. A Gente de Flusser. Prefácio a FLUSSER, V. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007a, pp. 9-15.
- MACHADO, Arlindo. Atualidade do Pensamento de Flusser. In: Krause, G. B.; MENDES, R. (orgs). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pp. 131-143.
- MARTINS, Cláudia Santana. Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 2010.
- PRADO JR., Bento. A chuva universal de Flusser. Folha De São Paulo, 13.02.1999.

- RISSET, Jacqueline. Joyce Traduit par Joyce. In: *Tel Quel*, n. 55, pp. 47-62, 1973.
- ROBINSON, Douglas. *The translator's turn*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.
- STRÖHL, Andreas. Introduction to FLUSSER, V. *Writings*. Edited by Andreas Ströhl. Translated by Erik Eisel. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2002b, pp. ix-xxxvii.